

## **Reflexão teórica sobre Vocação Missionária, Missão de Deus e Missões**

Orlando Bruno Carneiro Costa

### **RESUMO**

A vocação missionária é descrita no conjunto dos textos no Novo Testamento que descrevem a comissão de Jesus aos seus discípulos, após a sua ressurreição, na qual ele envia-os a levar a mensagem de salvação a todos os povos. Numa perspectiva mais ampla, esta comissão de Jesus faz parte do projeto de Deus de redenção da humanidade e de toda a sua criação. A ordem de Jesus envolvia a ação de ir, de proclamar e de viver além das fronteiras cultural e geográfica de Israel. O atual movimento missional tem despertado a igreja para uma visão mais ampla e significativa do viver cotidiano de cada cristão, amparado na compreensão que a missão é primeiramente de Deus. Todavia ao enfatizar este movimento, muitas igrejas locais têm relativizado o trabalho de missões transculturais, no modelo tradicional e histórico, causando controvérsias entre os evangélicos. Este artigo tenciona apresentar propostas que busquem conciliar questões relativas à vocação específica para missões, ao uso da expressão missionário para um grupo especial de cristãos, no enfoque da ação evangelizadora na igreja local ou além-fronteiras e em interligar os conceitos da missão da igreja e da missão de Deus, comparando autores modernos com referências bíblicas, buscando trazer clareza e orientação ao agentes envolvidos no desafio missionário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vocação missionária; missional; missões.

### **ABSTRACT**

The missionary vocation is described in the set of texts in the New Testament that describe Jesus' commission to his disciples after his resurrection, in which he sends them to carry the message of salvation to all peoples. In a broader perspective, this commission of Jesus is part of God's plan for the redemption of humanity and all of its creation. The order of Jesus involved going, proclaiming, and living beyond Israel's cultural and geographical borders. The current missional movement has awakened the church to a broader and more meaningful view of the daily life of every Christian, supported by the understanding that the mission is primarily of God. However, by emphasizing this movement, many local churches have relativized the work of cross-cultural missions, in the traditional and historical model, causing controversy among evangelicals. This article intends to present proposals that seek to reconcile issues relating to a mission-specific vocation, the use of missionary expression for a special group of Christians, the focus of evangelizing action in the local church or across borders, and to link the concepts of church mission and God's mission, by comparing modern authors with biblical references, seeking to bring clarity and guidance to the agents involved in the missionary challenge.

**KEYWORDS:** Missionary vocation; missional; missions

## RESUMEN

La vocación misionera se describe en el conjunto de textos del Nuevo Testamento que describen la comisión de Jesús a sus discípulos, después de su resurrección, en la que los envía a llevar el mensaje de salvación a todos los pueblos. En una perspectiva más amplia, este comité de Jesús es parte del proyecto de Dios de redención de la humanidad y toda su creación. El orden de Jesús implicó la acción de ir, proclamar y vivir más allá de las fronteras culturales y geográficas de Israel. El movimiento misional actual ha despertado a la iglesia para una visión más amplia y significativa de la vida cotidiana de cada cristiano, apoyada por el entendimiento de que la misión primero pertenece a Dios. Sin embargo, al hacer hincapié en este movimiento, muchas iglesias locales han relativizado el trabajo de las misiones interculturales en el modelo tradicional e histórico, causando controversias entre los evangélicos. Este artículo pretende presentar propuestas que buscan conciliar cuestiones relativas a la vocación específica de las misiones, el uso de la expresión misionero para un grupo especial de cristianos, el foco de la acción evangelizadora en la iglesia local o a través de las fronteras y vincular los conceptos de la misión de la Iglesia y la misión de Dios, comparar a los autores modernos con referencias bíblicas, procurar aportar claridad y guía a los agentes involucrados en el desafío misionero.

**PALABRAS CLAVE:** Vocación misionera; misional; misiones.

## INTRODUÇÃO

As Sagradas Escrituras narram a ação de Deus na história da humanidade comissionando, preparando e enviando pessoas que ele escolheu para cumprir os seus propósitos. É possível conceituar esta ação intencional de Deus, apresentada nas Escrituras como vocação, e ela pode ser explicada como o direcionamento recebido do Senhor para capacitação e orientação quanto à participação de cada um na missão de Deus.

O conceito de vocação missionária deriva, inicialmente, da comissão de Jesus dada aos seus discípulos, registrada na Bíblia em textos que narram os acontecimentos pós-ressurreição, pela qual os envia com a mensagem de salvação a todos os povos. No plano maior, esta comissão dada pelo Mestre é parte do projeto redentivo de Deus para a humanidade bem como de toda a sua criação. A ordem de Jesus remetia para além das fronteiras geográfica e cultural de Israel; a missão seria concluída apenas quando a mensagem das boas novas chegasse até a última etnia da terra, o que a igreja vem buscando fazer desde a sua formação.

Este artigo considera o conceito bíblico e histórico de vocação missionária, e o relaciona à comissão dada por Jesus à sua igreja, enviando-a ao mundo todo para pregar o Evangelho a toda criatura (Marcos 16.15). Todavia, sem corroborar com a redução conceitual sofrida pela expressão *Missão de Deus* nos últimos tempos.

Wright (2014), um dos principais defensores da atualização conceitual da expressão *Missão de Deus*, alerta para o risco de se considerar a missão como responsabilidade exclusiva da trindade, citando Karl Barth, e conseqüentemente desvalorizar a função da igreja como agente proclamador da mensagem de salvação. Outro risco seria o de enaltecer exageradamente o papel

de cada discípulo de Jesus como sendo um missionário em seu modo de viver *coram deo*<sup>1</sup>, isto é, enquanto realiza suas tarefas no lar, na escola ou no trabalho, valorizando o cotidiano de cada um como forma também de cumprir o chamado pessoal de Deus, em detrimento da ênfase no chamado ministerial. Pois isso poderia ocasionar um enfraquecimento do vigor evangelístico em direção aos povos não alcançados, tanto pela acomodação do cristão que pensa já fazer o suficiente pelo Reino enquanto conduz sua vida secular, quanto por causa das dificuldades naturais da tarefa missionária. De fato, não é correto sobrevalorizar aqueles que exercem uma vocação voltada para funções eclesiais, tais como pastores ou missionários, contudo é imprescindível que cada um sirva a Deus segundo o seu chamado. Todos foram vocacionados para glorificar a Deus com seus estudos e trabalho secular, mas alguns para também deixar tudo e servir a Deus entre aqueles que não conhecem a Jesus. As vocações são individuais, porém todos devem de alguma forma contribuir, como parte integrante da igreja de Cristo na terra, para o cumprimento da tarefa da Grande Comissão, dada à igreja pelo Senhor Jesus. Se a Missão de Deus não for o fundamento da missão da igreja (Grande Comissão) e se não a levar a priorizar o evangelismo e proclamação do Reino de Deus até os confins da Terra, ela estará em franca contradição ao mandamento de Jesus: ir por todo o mundo, pregar o evangelho e fazer discípulos de todas as nações (Cf. Mateus 28.19 e Marcos 16.15).

## 1 Missão de Deus e a missão da igreja

É importante considerar o conceito bíblico e histórico de vocação missionária e sua à à relação com a Comissão dada por Jesus à sua igreja, enviando-a ao mundo todo para pregar o Evangelho a toda criatura (Marcos 16.15). A missão da igreja é parte central do plano maior da restauração de Deus para toda a sua criação, a *Missio Dei*.

Em sua contribuição para a *Bíblia Missionária de Estudo*, Carriker<sup>2</sup> concorda que a missão da igreja está inserida dentro do propósito maior da Missão de Deus e assegura que as Escrituras narram o papel redentor de Cristo tanto para a humanidade quanto para toda a criação. Assim afirma que a missão da igreja em relação às pessoas e aos povos faz parte do contexto maior da missão de Deus, sendo tal missão não apenas o pano de fundo, mas “a narrativa maior por trás da narrativa que volumosamente domina as Escrituras: o plano de salvação para abençoar todas as famílias da terra (Gênesis 12.3) e fazer discípulos de todas as nações (Mateus 28.19)”, conforme enfatiza Carriker.

Nos últimos anos, esta nova aplicação da expressão *Missão de Deus*, além de resgatar o conceito do propósito de Deus para sua criação veio, entre outras coisas, revitalizar o papel de cada cristão na sociedade, numa convocação à vida de serviço e transformação, guiados pelos valores do Reino de Deus. Seriam estes alguns dos fundamentos do chamado *movimento missional* da igreja contemporânea, todavia esta verdade proclamada não pode desconsiderar ou minimizar a necessidade de evangelização de todos os povos.

Demonstrando preocupação com esta questão, o missionário Rinaldo de Matos, em seu artigo de 2015, *A Teologia da Vocação e Chamada*, afirma que “Deus convoca tanto cada crente,

<sup>1</sup>A expressão *coram deo* significa ‘diante de Deus’.

<sup>2</sup> Publicada em 2014 pela Sociedade Bíblica do Brasil, a *Bíblia Missionária de Estudo* (doravante apenas BME), enfatiza as perspectivas missionárias das Escrituras. O posicionamento de Carriker, principal idealizador da obra, mencionado acima encontra-se no Anexo da BME, intitulado *O enredo missionário das Escrituras*.

membro da igreja, para fazer o trabalho de evangelismo e assistência social, em sua vizinhança, como convoca também crentes devidamente dotados para fazer missões além das fronteiras geográficas, culturais e linguísticas da igreja”, não obstante, alguns cuidados precisarem ser tomados. Segundo Matos, vem ganhando força na igreja brasileira uma tendência à desvalorização da carreira missionária tradicional, pois algumas igrejas, ao ampliarem sua compreensão da vocação de todos os cristãos, “tendem a restringir a responsabilidade da igreja unicamente à comunidade onde ela está inserida”, de certa forma, desestimulando vocações às missões transculturais, uma vez que são tão mais complexas, envolve maiores investimentos e não trazem retorno imediato à igreja local. Na verdade, todas as vocações deveriam ser impulsionadas pela liderança local. Todavia, aqueles que são chamados ao desafio da evangelização transcultural carecem receber mais atenção, não por terem maior valor diante de Deus, mas pelas dificuldades inerentes ao trabalho requerido.

Como provoca Neill (1959), “Se tudo é missão, então nada é missão”, acrescentando, assim, um novo questionamento ao conceito em desenvolvimento por aqui. Segundo Neill, é importante resguardar a história da ação missionária da igreja, como ela compreendeu seu chamado e se dedicou a levar o evangelho a todas as nações, em obediência à Comissão dada pelo Senhor Jesus. O mandamento envolve sair, ir adiante e levar a mensagem da cruz a todas as etnias<sup>3</sup> da terra, e não apenas seguir no cotidiano da vida cristã. O viver diário do cristão deve glorificar a Deus e ser canal de transformação da sociedade em que ele esteja inserido, mas todos precisam contribuir também para o serviço missionário além-fronteiras.

Champlin (1979) ressalta outro ponto essencial para compreensão do ensinamento bíblico da vocação, ao afirmar que o chamado missionário dado à igreja deve ser estendido a todos que, de alguma forma, tomam parte do projeto de Deus, em todas as épocas. Assim, o autor reconhece que a Grande Comissão se aplica à igreja toda, ainda que inicialmente tenha sido direcionada aos apóstolos; e se alinha também com Wright (2014) que, ao analisar os textos de Lucas 24 e Atos 1, ligados à Grande Comissão, aplica o mandamento à igreja em todos os tempos:

É provável que no texto imediato, o termo testemunha se refira principalmente ao papel do apóstolo como testemunhas diretas do Senhor Jesus Cristo e, especialmente, de sua ressurreição. No entanto, visto que este testemunho específico e único constitui a base do testemunho contínuo de todos os cristãos, não é inadequado identificar as implicações maiores e mais longevas do termo (p. 17).

Para agir em obediência a este mandamento, a igreja contemporânea precisa resgatar seu chamado missionário e voltar à evangelização e ao discipulado, sem esquecer, todavia, que a missão procede da identidade de Deus e de seu propósito redentivo de toda a criação. É imprescindível que cada igreja local, que é parte do corpo de Cristo, continue desempenhando seu papel de *embaixadora em nome de Cristo* (Cf. 2 Coríntios 5.20) tanto para os de perto, como também para as regiões mais distantes da terra. Portanto, ela precisa compreender a essência do seu chamado, focando inicialmente na missão primária de proclamar as boas novas da salvação aos perdidos (Marcos 1.14) e também de manifestar a redenção de Deus para toda a sua criação (Colossenses 1.15-20), exercendo assim, simultaneamente, seu papel de agente transformador social, como representante do Reino de Deus, de seu caráter e valores (Mateus 5.13-16).

---

<sup>3</sup>A palavra *etnia* deriva da palavra grega *ethnos* e pode ser traduzida por *nação, povo, gentios* ou *não judeus*. (Cf. GINGRICH, 1984, p.63).

Aprofundando o tema da proclamação das boas novas como ação prioritária da igreja, Winter (1987) faz uma interessante diferenciação dos significados de Evangelismo e Missões através de uma detalhada exposição tipológica de evangelismos praticados pela igreja, classificando-os como: *E-1*, *E-2* e *E-3*. Assim, define *E-1* como o tipo de evangelismo que é feito sem sair da própria localidade geográfica e com indivíduos de mesma cultura, também denominado ‘evangelismo de vizinhança’; *E-2* quando existe a necessidade de transpor barreiras geográficas e/ou culturais, porém com diferenças não muito significativas (por exemplo: Judeus e Samaritanos, nos tempos bíblicos); já *E-3* quando envolve distâncias geográficas e culturais ainda maiores, sendo o principal tipo de evangelismo necessário para levar a mensagem até os confins da terra. Ele defende que cada igreja individualmente deve sempre investir nos três métodos de evangelismo simultaneamente para obedecer à ordem de Jesus em Atos 1.8, contudo enfatiza a priorização das ações *E-2* e *E-3*, para a conclusão da tarefa restante. Mesmo vivendo em outro país, um cristão pode evangelizar alguém próximo a ele, de sua mesma cultura (*E-1*), porém fica cada dia mais evidente, segundo as palavras de Winter (p.367), que “até que cada tribo e língua possua uma igreja forte e poderosamente evangelizante dentro dela e, portanto, uma testemunha *E-1*, os esforços *E-2* e *E-3* que vêm de fora ainda são essenciais e urgentíssimos”. Pode-se, então, definir *evangelismo*, segundo Winter, como a prática da proclamação das boas novas, dentro do âmbito geográfico e cultural da igreja local, feita pelos seus membros (*E-1*); e definir *missões*, segundo sua raiz histórica, como a ação de proclamação dos tipos *E-2* e *E-3*, que é a prática da evangelização além das fronteiras da igreja, onde ela geralmente cruza barreiras geográficas, culturais e linguísticas, envolvendo para isso treinamento específico e o envio de missionários.

Associando as ideias citadas de Neill, Matos e Winter, pode-se afirmar que todos os cristãos foram chamados para fazer parte da missão de Deus, não apenas os que exercem ofícios eclesiásticos. E que a igreja de Jesus deve atuar tanto na sua Jerusalém (própria comunidade), quanto na sua Judéia e Samaria (regiões vizinhas) e até os confins da terra (Atos 1.8), simultaneamente. A evangelização local não desobriga ou isenta a igreja de sua responsabilidade para com o trabalho missionário (intercultural), ambos precisam ser realizados. Lembrando, ainda, que, ao se referir ao fim dos tempos, Jesus disse que viria somente após ser o evangelho pregado por todo o mundo (Mateus 24.14), daí a urgência da evangelização dos *Povos não Alcançados* (PNAs).

## 2 Vocação geral e específica

Todos os discípulos recebem dois chamados ou vocações para servirem no Reino. Refletir a glória de Deus, ser sal e luz em sua geração e viver em santidade e oração, são alguns exemplos da vocação universal para toda a igreja de Jesus. Mas a vocação para o trabalho específico é dada individualmente a cada um, visando um fim proveitoso. Está divisão didática é apoiada também por Matos (2015), que, após fazer uma detalhada defesa bíblica, aponta para os dois tipos de vocação que cada discípulo recebe: *chamado geral* e *chamado específico*. Segundo Matos:

[...] a Bíblia se reporta a duas naturezas diferentes de Vocação e Chamada: A ‘Vocação e Chamada Geral’, na qual podemos afirmar que todos os crentes são chamados, ou seja, todos os crentes são vocacionados; e a ‘Vocação e Chamada Específica’, na qual Deus escolhe, a dedo, no tempo e no espaço, pessoas especialmente dotadas para

trabalhos e ministérios específicos, na igreja e fora dela. [...] a Chamada e Vocação Geral, é feita independentemente dos dons, talentos, habilidades e preferências de cada um. Todos, sejam quais forem os seus dons e capacidades, têm a mesma e única incumbência (contribuir na missão de Deus). Já, a Chamada e Vocação Específica, aquela que acontece no tempo e no espaço, leva em conta os dons e talentos de cada um, bem como suas tendências, suas preferências, e com eles e elas se harmoniza.

Every-Clayton (2014) enriquece esse argumento ressaltando que, desde a Reforma Protestante, houve um resgate da importância da vocação geral de todos os cristãos, vivendo suas vidas diante de Deus e glorificando a ele com seu trabalho. E demonstra, do mesmo modo como os demais autores citados, que todas as vocações e chamados são igualmente valorosos diante de Deus. Por outro lado, ela não descarta a existência do chamado ministerial para a edificação do corpo de Cristo. Falando sobre a vocação e obra missionária após a Reforma, Every-Clayton comenta que a vocação cristã é real e motivadora, e é como “uma multidão de fiéis espalhando-se por todo o mundo no exercício de uma variedade cada vez maior de profissões, inclusive, é claro, a do ministério da Palavra”.

Nessa mesma direção caminha também Lidório (2014), defendendo a concepção de dividir a vocação bíblica dada a todos os discípulos para cumprirem a Missão de Deus em *Chamado universal*, para todos os que foram salvos em Cristo, e *Chamado específico*, para aqueles com funções voltadas à edificação da igreja e de sua expansão missionária. A posição de Lidório encontra raízes em Efésios 4.11-12, pois ali o apóstolo Paulo, ao discorrer sobre o corpo de Cristo, vocação e dons, enumera quatro funções que Deus concede aos membros do corpo de Cristo. São vocações específicas para a edificação e crescimento do corpo.

Shedd (2014) sela esta apresentação de argumentos e posições acerca da Missão de Deus, das vocações gerais e específicas, e da priorização na evangelização de PNAs, enfatizando que todos os convertidos a Cristo recebem tanto o chamado geral quanto o específico para atuarem no Reino de Deus. Os mesmos que receberam o chamado geral para tomarem a sua cruz, seguirem a Jesus e a viverem em santidade para ele, são também orientados à edificação da igreja de Cristo e à obra de evangelização de todas as etnias. Segundo Shedd, a espera por um chamado subjetivo por vezes afasta o cristão do serviço ao Reino. Se todos foram chamados, todos deveriam contribuir de alguma forma com a comissão dada à igreja de Cristo de levar o Evangelho ao mundo todo.

Ao definir a natureza da vocação de Deus aos discípulos para o cumprimento da missão, propondo a separação didática entre vocação geral e específica, os autores mencionados acima consideram que a vocação de cada pessoa é importante para Deus e parte da Missão dele. É salutar que cada discípulo exerça sua função no corpo de Cristo, segundo a capacitação recebida por Deus, para o crescimento e edificação do próprio corpo, em amor (Cf. Efésios 4.15).

### **3 A universalidade da Missão segundo os Evangelhos**

Mateus, na genealogia registrada no primeiro capítulo do seu evangelho, apresenta Jesus como filho de Abraão e filho de Davi, cumprindo assim a aliança com Abraão e com Davi de ser bênção a todas as nações e de ser o governador messiânico de toda a terra. Mateus 8.11 cita a declaração de Jesus que muitos viriam do oriente e do ocidente e se assentariam à mesa de Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus. Nesta passagem Mateus pré-anuncia que a salvação seria estendida a diferentes povos e não seria exclusiva aos judeus. Ele aponta para Jesus recorrendo a textos que os judeus aplicavam exclusivamente ao ajuntamento divino futuro dos

israelitas exilados, tais como Salmos 107.3; e Isaías 43.5-6 e 49.2; para estender a bênção da salvação a todos os que estavam incluídos na promessa original de Deus aos patriarcas, ou seja, a todos os povos. Desta forma, Mateus aponta para a universalidade da Missão de Deus, esclarecendo a salvação pela fé em Jesus a todos os povos, algo que Pedro só entendeu no seu encontro com o gentio Cornélio; já Paulo dedicou grande parte de seu ministério para compreender e explicar. Por fim, ao associar a Grande Comissão de Jesus em 28.19, com a comissão de *Yaweh* a Abraão em Gênesis 12.1-3, Mateus confirma e expõe, desta vez de forma mais objetiva, o que havia dito em 8.11, sobre a universalidade do alcance da salvação em Jesus, o alcance do discipulado por ele exigido e apresenta-o como o cumprimento da promessa de salvação a todos os povos.

O evangelho de Lucas por sua vez, logo no primeiro capítulo, traz nas palavras de Maria (v. 46-55) e Zacarias (v. 68-79) um reconhecimento da chegada do Messias como cumprimento da promessa de Deus a Abraão. Inicialmente a restauração é proclamada apenas a Israel, mas através das palavras de Simeão em 2.29-32 ao narrar que Jesus seria a salvação e a luz para todos os povos e nações e, em 3.4-6, quando João Batista assegura que “toda carne verá a salvação de Deus”, a promessa é estendida a todos os povos. No livro de Atos dos Apóstolos (3.1-25), Lucas conta a história da cura de um aleijado na porta do templo e cita Pedro ensinando que, mesmo os descendentes físicos de Abraão, precisavam crer em Jesus para serem herdeiros da promessa; e, em 4.12, cita Pedro proclamando, diante do sumo sacerdote e de todo o sinédrio, que “não há salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não há outro nome entre os homens pelo qual devamos ser salvos”. Isto é válido para todos, tanto israelitas, quanto gentios.

Senior e Stuhlmüller (2010) concordam que Lucas “em conformidade com o restante do Novo Testamento, acreditava que a pessoa e o ministério de Jesus cumpriram o plano de salvação de Deus, manifestado no Antigo Testamento”. Citando Lucas 24.46-48, os autores afirmam que os eventos da morte, ressurreição, proclamação mundial de conversão e perdão, e a concessão do dom do Espírito fazem uma correspondência entre a promessa das Escrituras e a Missão universal, pois o “desígnio de Deus declarado nas Escrituras não será completado até que toda a carne tenha visto a salvação de Deus” (Lucas 3.6).

No texto de Lucas 24.44-48, após a sua ressurreição, Jesus fala aos discípulos que era necessário que se concretizasse o que fora escrito sobre ele na “Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”, assumindo, assim, ser ele o Messias prometido no Antigo Testamento. Depois lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras e afirmou que sua morte e ressurreição era o cumprimento das promessas, assim como a pregação de arrependimento e remissão de pecados a todas as nações. Então, na narrativa de Atos 1.8, Lucas mostra Jesus comissionando seus discípulos a serem suas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra. Mateus e Lucas reforçam que somente a mensagem de perdão e arrependimento em nome de Jesus Cristo, crucificado e ressurreto, pode levar a bênção de Abraão a judeus e gentios em todos os povos.

#### **4 A universalidade da Missão nos escritos de Paulo**

Paulo articulou e fundamentou nas Escrituras de seu tempo a universalidade da Missão divina através de seus escritos. Em sua carta aos Romanos 1.5, ele afirma ter sido por meio do Senhor Jesus Cristo que ele recebeu graça e apostolado para conduzir todos os gentios para a obediência da fé, e repetiu esta afirmação ao final da carta (16.26). A expressão grega para *todos*

*os gentios (panta ta ethne)* foi a mesma usada por Paulo em Gálatas 3.8, referindo-se ao chamado de Deus a Abraão. Trata-se de uma citação de Gênesis 12.3. Essa mesma expressão foi também usada no texto de Lucas 24.47, mencionado anteriormente.

Fé e obediência foram as marcas da aliança de *Yaweh* com Abraão e também foram as mesmas marcas do ministério do apóstolo Paulo. Em Romanos 3.29 a 4.25, Abraão é o exemplo que serve de base para o argumento da igualdade diante de Deus, no tocante à sua justiça salvadora entre judeus e gentios. Paulo argumenta na sua epístola aos Romanos que existe um único Deus, que justifica pela fé tanto os judeus quanto os gentios (Romanos 3.29,39 e 10.12,13); e traz o mesmo raciocínio em sua carta aos Gálatas 3.28-29: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa”. A vocação de Paulo desde o início foi para ser um mensageiro das boas novas, missionário entre os gentios e reis, e também ao povo judeu. Por ocasião da sua conversão, narrada no capítulo 9 de Atos, Deus envia Ananias para orar com ele, pois Paulo era para Deus “um instrumento escolhido para levar o nome dele perante os gentios e reis, bem como perante aos filhos de Israel” (v. 15). Paulo foi testemunha e fez discípulos de muitos povos, pregando o evangelho do Reino de Deus em toda a sua amplitude de significado.

Comentando sobre a conversão de Paulo, Carriker (2005) observa a natureza missionária do seu encontro com Jesus. Não foi tanto uma transformação de caráter, mas principalmente na sua perspectiva e orientação de vida em relação a Cristo, foi mais um chamado para levar a mensagem da cruz, especialmente aos não judeus que antes eram considerados impuros. Carriker entende que, “de certo modo, Paulo começou a cumprir o papel dado a Abraão em Gênesis 12.3, papel assumido pela igreja por séculos e agora atribuído a você e a mim” (p. 116).

A Palavra de Deus, em sua totalidade, aponta para Jesus como a pedra fundamental da missão de Deus. As muitas narrativas do Antigo Testamento indicavam que ele era o Messias prometido, o libertador, aquele que se assentaria eternamente no trono de Davi. Os Evangelhos contaram a sua vida, obra, morte e ressurreição; e também a comissão aos discípulos, para que continuassem a sua obra. Os demais livros do Novo Testamento narram a história de sua igreja, indo por todo o mundo e pregando o evangelho a toda criatura.

## **5 A vocação missionária e a missão da igreja**

No Capítulo 10 da Epístola aos Romanos, enquanto Paulo ensinava sobre a renovação e a redefinição da aliança após a vinda do Messias, cita Joel 2.32 e declara “que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Então, nos versos 14 e 15, ele faz as seguintes indagações: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados?” O chamado de Paulo era para evangelização dos gentios e ele foi enviado pela igreja de Antioquia àquela obra missionária. O apóstolo estava ensinando a igreja de Roma que a missão de Deus deveria continuar através da proclamação das boas novas, pois todos os povos precisavam ouvir que o Messias veio e pagou a dívida que tinham para com Deus, e está chamando a todos para fazerem parte da família de Deus. Mas, para que a missão avance, alguém precisa ser enviado a pregar o evangelho para que os povos, ouvindo, também possam invocar o nome do Senhor.

Voltando, então, às questões relativas à vocação específica para a edificação do corpo de Cristo, a palavra *vocação* apresenta, principalmente, duas perspectivas diferentes no meio cristão. A primeira está relacionada à amplitude do termo, pois todos os filhos de Deus foram por ele vocacionados para fazerem parte do seu reino e da sua missão. Segundo Stott (1975), a vocação é expressa na “vida cotidiana de um cristão” e abrange todos os filhos de Deus como vocacionados e também se refere à vida integral de cada um.

Esta perspectiva do chamado de todos os cristãos como parte da Missão de Deus na terra é uma visão bíblica e diz respeito ao sacerdócio universal. Outro ponto bastante positivo desta colocação é a forma como ela combate o dualismo, de origem gnóstica, que faz separação do clero e o leigo, e leva os cristãos a exercerem dois tipos de vida, a secular e a sagrada, uma apenas por necessidade e outra para agradar a Deus.

Apesar de ser uma perspectiva bíblica sobre vocação cristã, não é, todavia, uma visão completa sobre o tema. A necessidade de desconstruir o pensamento dualista levou diversos pensadores, como Francis Schaeffer, Christopher Wright e Bob Moffitt, a serem bastante radicais quanto à apresentação de seu conceito de chamada e vocação, considerando apenas a vocação geral dos cristãos. Por outro lado, numa perspectiva mais holística, pode-se observar que as Escrituras tratam também da vocação específica para o exercício eclesiástico, necessariamente voltado para a edificação do corpo de Cristo, sendo esta diferente e complementar à vocação geral. Em Romanos 12.6-8, Paulo fala sobre os diferentes dons de serviço distribuídos à igreja, segundo a graça recebida: “se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina, esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta, faça com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência, quem exerce misericórdia, com alegria”. Para exemplificar a vocação específica concedida por Deus, Champlim (1979) comentando o v.7 de Romanos 12, explica que a palavra *ministério*, traduzida da palavra grega *diakonia*, aplica-se tanto ao serviço físico quanto ao espiritual, sendo possível classificar este dom como um serviço ou ação de cuidado associado à piedade. Em 1 Coríntios 12.28, ao tratar sobre as funções no corpo de Cristo, Paulo afirma que Deus estabeleceu: “primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas”, listando assim algumas vocações essenciais para o desenvolvimento e edificação da igreja. Ao trazer a descrição, características e orientações quanto à aplicação destes ministérios, as Escrituras, didaticamente, constata a existência de chamados específicos, distintos e complementares à vocação geral de todos os cristãos, separados não pelo valor, mas, sim, pelo propósito a que são destinados. Como exemplo desta vocação específica, em Atos 13.2, Paulo e Barnabé, que já estavam trabalhando na igreja de Antioquia, foram chamados pelo Espírito Santo para o serviço missionário (além-fronteiras).

Ainda no mesmo artigo, Matos (2015) faz uma crítica ao modelo que define *vocação não* apenas como um *chamado geral* a todos os cristãos, sendo este modelo um rompimento ao conceito histórico da *vocação específica* para o serviço cristão, incluindo a *vocação missionária*.

Tenho ouvido, tanto quanto tenho lido e constatado, que há uma nova tendência de interpretação bíblico/missionária em cena, surgida nessas últimas décadas. Essa nova tendência está se alastrando e se enraizando, aceleradamente, nas práticas de muitas de nossas igrejas e até mesmo nas práticas de algumas agências missionárias. Ela representa uma nova concepção de missões que tende a diminuir o valor e a necessidade do missionário de carreira, tende a diminuir o valor e a necessidade de um preparo

missionário adequado, tende a eliminar a realidade das chamadas específicas, no tempo e no espaço, tende a restringir a responsabilidade da igreja unicamente à comunidade onde ela se encontra inserida e tende ainda a determinar preferências, nos alvos da evangelização, a certos seguimentos da sociedade. Sua atuação se concentra mais nos problemas urbanos, com muito pouca ou nenhuma visão e entendimento do trabalho transcultural da igreja.

Como efeitos colaterais desta conceituação geral, Matos lista alguns pontos negativos: a negação de uma vocação específica segundo as Escrituras; a não diferenciação da vocação missionária e profissional; a diminuição da vocação e envio de missionários de carreira; a restrição geográfica e ideológica da Grande Comissão; e a definição da missão integral da igreja como sendo apenas o cuidado dos pobres e ajuda humanitária. Na visão de Matos, se cada cristão entender que é a mesma coisa optar por ser um advogado, professor ou missionário entre PNAs, fatalmente o trabalho missionário, pelas suas dificuldades inerentes, cairá em desuso, ficando comprometida a tarefa de levar o evangelho aos confins da terra.

A definição da vocação cristã segundo as Escrituras é totalmente relevante para o trabalho de evangelização da igreja. E, como citado acima, as duas perspectivas são bíblicas e deveriam ser analisadas de forma a se complementarem. Existe uma vocação geral dada a todos os cristãos, a qual orienta o modo como eles devem viver dentro dos propósitos de Deus, servindo a ele em todo o tempo, através de suas profissões e afazeres cotidianos e não apenas nas tarefas chamadas eclesásticas. Todavia, existe também um chamado específico, não melhor ou superior ao geral, orientado para os deveres eclesásticos, com vistas à edificação e expansão do corpo de Cristo e, em alguns casos, com especificidades relacionadas ao trabalho missionário, cooperando, assim, ambas as vocações para a evangelização de todos os povos da terra.

Em se tratando de vocação missionária, dentro do contexto de missão tradicional e movimento missional, origina-se a pergunta sobre quem deveria ser enviado, à semelhança de Paulo, para levar o evangelho aos PNAs. A resposta, embasada nos argumentos acima, é que a igreja local deve enviar aqueles a quem Deus escolher e vocacionar especificamente para a tarefa missionária transcultural. Todas as igrejas e a igreja toda devem estar envolvidas na tarefa, mas alguns serão escolhidos por Deus para deixar o conforto de suas famílias, ir a uma terra distante, falar outra língua e anunciar o Evangelho aos perdidos, servir à comunidade local e manifestar ali a glória de Deus. O missionário representa sua igreja local no campo e é através dele que a igreja obedece ao chamado da Grande Comissão “até os confins da terra”, e isso ela o faz ao enviá-lo e sustentá-lo material e espiritualmente.

## **6 A mensagem e os valores da comissão da igreja segundo as Escrituras**

Jesus enviou seus discípulos com uma mensagem e exigiu deles valores e caráter compatíveis com os do reino de Deus. Embora a Comissão tenha sido proferida no Novo Testamento, é no Antigo que se encontram as raízes da mensagem a ser pregada e sua relação com a Missão de Deus.

O livro de Atos dos Apóstolos narra o nascimento e primeiros passos da igreja de Jesus Cristo. Ele havia concluído o seu trabalho como Messias e, após a sua ressurreição, aparece aos discípulos para orientações finais. Durante quarenta dias se manifestou a eles, dando provas de que estava vivo e “falando das coisas concernentes ao reino de Deus” (Atos 1.3). Determinou que ficassem juntos em oração até que se concretizasse a promessa do derramar do Espírito de

Deus sobre eles. Eles receberiam uma capacitação para serem cooperadores na missão de Deus. Jesus pagou o preço necessário e cumpriu a lei, no sentido de completar, de satisfazer a justiça de Deus. O seu sangue derramado na cruz do calvário foi suficiente para salvar a todos e gratuitamente ofertado aos que o recebessem como Senhor e Salvador de suas vidas, judeus ou gentios, por meio da fé.

Mas ainda havia algo a ser feito. Esta mensagem deveria ser levada a todas as pessoas, de todas as etnias da terra. O projeto de redenção da humanidade e de toda a criação através de Jesus Cristo precisava agora ser anunciado a todos, a bênção de Deus proferida a Abrão se cumpriria com a proclamação do Evangelho a todos os povos. Por isso Jesus vocacionou e enviou os seus discípulos para realizarem esta obra e continuarem a missão de Deus.

Os escritores dos quatro Evangelhos narraram a Grande Comissão, cada um à sua maneira. Enquanto Mateus enfatizou a ordem de fazer discípulos (Mateus 28.19), Marcos a de pregar o evangelho (Marcos 16.15), João falou sobre como Deus envia (João 20.21) e sobre pastorear as ovelhas (João 21.15-17), e Lucas sobre pregar arrependimento para remissão de pecados (Lucas 24.47) e ser testemunhas (Atos 1.8). Embora cada um tenha reforçado parte da orientação, todos eles instruíram de forma similar quanto ao alcance da missão e sobre a necessidade de levar a mensagem a todos, começando por Jerusalém e estendendo-a até os confins da terra.

## CONCLUSÃO

Jesus passou mais de três anos do seu ministério treinando e capacitando os discípulos que continuariam a sua missão. Eles tiveram em Jesus um modelo a seguir, um padrão de santidade, de obediência e fé, de vida com Deus, de cuidado com os pobres e com os que sofrem.

Este padrão pode ser visto em toda a Bíblia e tem o seu ápice em Jesus Cristo que veio para cumprir a vontade do Pai e foi fiel até a sua morte na cruz. “Basta ao discípulo ser como seu mestre” (Mateus 10.25) – ensinou Jesus em relação ao esperado da qualidade dos discípulos que ele estava enviando. Estes deveriam ser o bom perfume de Cristo (2 Coríntios 2.15) e pregar o evangelho do reino ensinado por Jesus. A mensagem proclamada aos pecadores precisava significar mais do que apenas *um bilhete de entrada* deles no céu, pois mensagem da salvação em Jesus deve incorporar os conceitos de libertação, resgate, restauração e redenção para a humanidade e para toda a criação, conforme descritas na história do povo de Deus no Antigo Testamento.

A vocação universal de cada cristão é o guia condutor de uma vida segundo os padrões das Sagradas Escrituras. Vida de santidade, oração, amor a Deus e ao próximo, serviço, misericórdia, evangelismo e missões são alguns dos valores que devem orientar a vida dos discípulos e da igreja local.

Entre as vocações específicas, destaca-se aqui a vocação missionária, que é dada por Deus para alguns discípulos que serão enviados pela igreja local, em obediência a comissão dada por Jesus a sua igreja, de proclamar o evangelho a todos os povos da terra, parte essencial da Missão de Deus. Os conceitos são complementares e harmônicos, a missão da igreja deve ser tanto local quanto transcultural, para a completa obediência ao mandamento da Grande Comissão. Reforçando ainda que a mensagem a ser testemunhada precisa demonstrar o conceito completo de redenção e os enviados devem refletir o caráter de Cristo, vivendo por fé e em obediência a Deus.

## Contato do autor

Orlando Bruno Carneiro Costa  
E-mail: obrunocosta@gmail.com

## REFERÊNCIAS

BME (BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

BRUCE, F.F. **Romanos** – Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1987. Série Cultura Bíblica.

BRUCE, F.F. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BRUCE, F.F. **Pedro, Estevão, Tiago e João**: Estudos de Cristianismo não-Paulino. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

CARRIKER, Timóteo. **A visão missionária na Bíblia**. Viçosa, MG: Ultimato, 2005.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: Versículo por versículo. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda., 1979, v. 1 a 3.

EVERY-CLAYTON, Joice. Vocação ou Vocações? Uma perspectiva histórica. In: \_\_\_\_\_; BEZERRA, Durvalina; NODA, Jorge I (ed.). **Chamados por Deus**: Resgatando o sentido da vocação para o cristão hoje. João Pessoa, PB: Betel Brasileiro Publicações, 2014.

FORÇA MISSIONÁRIA BRASILEIRA TRANSCULTURAL, 2017. Disponível em: <<http://pesquisasamtb.org.br/downloads/Pesquisa-AMTB-Forca-Missionaria-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

LIDÓRIO, Ronaldo. A certeza da vocação. In: BEZERRA, Durvalina; EVERY-CLAYTON, Joice; NODA, Jorge I (ed.). **Chamados por Deus**: Resgatando o sentido da vocação para o cristão hoje. João Pessoa, PB: Betel Brasileiro Publicações, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Belo Horizonte, MG: Betânia, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Avaliando o avanço missionário mundial**. Disponível em: <[http://ronaldo.lidorio.com.br/wp/avaliando-o-avanco-missionario-mundial/?subscribe=success#blog\\_subscription-2](http://ronaldo.lidorio.com.br/wp/avaliando-o-avanco-missionario-mundial/?subscribe=success#blog_subscription-2)>. Acesso em: 5 jul. 2018.

MATOS, Rinaldo. **A Teologia da Vocação e Chamada**. Disponível em: <[www.sepal.org.br/blog-sepal/artigos/teologia-biblica-da-vocacao-e-chamada](http://www.sepal.org.br/blog-sepal/artigos/teologia-biblica-da-vocacao-e-chamada)>. Acesso em: 23 maio 2017.

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão; Vida Nova, 1983.

NEILL, Stephen. **Creative Tension: The Duff Lectures**. London, UK: EdinburgHouse, 1959.

PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carrol. **Os fundamentos bíblicos da missão**. Santo André: Editora Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SHEDD, Russel. Uma doutrina bíblica da vocação. In: BEZERRA, Durvalina; EVERY-CLAYTON, Joice; NODA, Jorge I (ed.). **Chamados por Deus**: Resgatando o sentido da vocação para o cristão hoje. João Pessoa, PB: Betel Brasileiro Publicações, 2014.

STOTT, John. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. São Paulo: ABU Editora, 1994.

STOTT, John. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Editora vida, 2006.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

WINTER, Ralph. **Missões transculturais**: uma perspectiva histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

WINTER, Ralph; KOCH, Bruce. Completando a tarefa. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven; BRADFORD, Kevin. **Perspectivas no Movimento Cristão Mundial**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009.

WRIGHT, Christopher. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.